

ENTRE PRETENSÕES E PERCALÇOS AGROINDUSTRIAIS: OESTE DO PARANÁ NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

*Carlos Meneses de Sousa Santos**
*Sheille Soares de Freitas***

Resumo: Este texto trata da confrontação entre pretensões e percalços agroindustriais. Discutimos como determinados empreendimentos, emergidos no Oeste do Paraná – na segunda metade do século XX e início do século XXI –, constituíram-se em um campo de relações marcado por controvérsias. Destacamos um universo de tensão que supõe a desigualdade de condições, vividas entre industriais, proprietários rurais e trabalhadores rurais; mas, nem por isso, delimitado pela onipotência dos interesses da gestão agroindustrial. Desse modo, sugerimos essa trama como um processo em curso, definido pela pauta de confrontações estabelecidas na própria experiência social.

Palavras-Chave: Pretensões Agroindustriais, Produção Rural, Tensão Social.

Abstract: This text comes to the confrontation between pretension and mishaps agroindustrial. We discussed how certain projects, that emerged in west Paraná – in the second half of 20th century and early 21st century –, constituted themselves in a field of relations marked by controversy. We highlight a universe of tension

* Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História/UFU, Pesquisador vinculado ao Núcleo de Pesquisas e Estudos em História, Cidade e Trabalho (UFU), Bolsista CAPES.

** Doutora em História, Professora do Colegiado de História/UNIOESTE, Pesquisadora vinculada ao Grupo de Pesquisa em História Social do Trabalho e da Cidade (UNIOESTE) e ao Núcleo de Pesquisas e Estudos em História, Cidade e Trabalho (UFU).

that supposes the conditions inequality, lived between industrialists, rural landowners and rural workers; but, not really, delimited by the omnipotence of the interests of the agribusiness management. Thus, we suggest this plot is an ongoing process, defined by the agenda of confrontations established by own social experience.

Keywords: Pretensions Agroindustrial, Rural Production, Social Tension.

Resumen: Este texto se refiere a la confrontación entre las pretensiones y percances de la agroindustria. Discutimos cómo ciertos proyectos, que surjan en el Oeste de Paraná – en la segunda mitad del siglo XX y el inicio del siglo XXI – , formó en un campo de las relaciones marcado por la polémica. Destacamos un universo de tensión que implica la desigualdad de condiciones, vividas entre los industriales, los propietarios de tierras y los trabajadores agrícolas; pero, aun así, delimitado por la omnipotencia de los intereses de gestión agroindustrial. De este modo, le sugerimos esta cuestión como un proceso continuo, definido por la agenda de las confrontaciones establecidas en la experiencia social.

Palabras clave: Pretensiones de las Agroindustrias, Producción Rural, Tensión Social.

Parece difícil atribuir percurso histórico a algo que se apresenta, ou é apresentado, como obra consolidada. Afinal, a materialidade de sua existência permite rogar para si uma genealogia autoafirmativa, na qual sugere, em uma espécie de destino manifesto, que sempre esteve (e/ou estaria) onde de fato está; sem falar da recusa em considerar a simples possibilidade de deixar de existir. No entanto, sua solidez não prescinde do processo que a constituiu, assim como não a liberta das incertezas do que está por vir.

Esse preâmbulo nos aparece como um problema investigativo, segundo o qual, indagamo-nos sobre os descaminhos, tanto quanto os caminhos, que estabeleceram e estabelecem a presença dos empreendimentos agroindustriais no Oeste do Paraná. Apesar das pretensões naturalizantes e/ou historicistas, evidenciamos atuações que engendraram esses projetos empresariais. E principalmente, identificamos esforços que ainda se empenham em manter esses negócios no universo do horizonte histórico, ou mesmo sugerindo ampliar seu repertório de expectativas.

Quanto a nós, vimos nesses esforços indícios de uma dinâmica social que segue em curso. A qual – a contragosto dos operantes capitalistas e para o espanto de deterministas dos mais variados matizes –, não estabeleceu o fim dessa história, que avança marcada por tensões e conflitos. De outro modo, o que dizer sobre a insatisfação com produtores de leite que, em meados de 2001, deixaram de entregar o produto a uma grande Indústria de Laticínios localizada na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR?

Diante desta recusa, os termos do ressentimento agroindustrial foram formulados no editorial do jornal *O Presente*, que, apesar de constrangido – tendo em vista a repreensão direcionada aos produtores rurais, que se negavam a comercializar seu produto com a referida empresa –, não se furtou a promover o interesse dos industriais, sugerindo que estes seriam o próprio interesse de toda “comunidade”.

O cidadão comum tem dificuldades para perceber os benefícios indiretos que uma empresa gera em sua comunidade.

Os benefícios indiretos, inclusive para o produtor entregar seu produto a uma empresa estabelecida aqui na região são infinitamente maiores do que os eventuais centavos a mais que recebe momentaneamente pelo produto. Claro que não estamos querendo com isso inibir a concorrência, apenas discorrer sobre um assunto que normalmente passa às margens da compreensão da grande maioria das pessoas.

A primeira grande vantagem é a segurança. Entregar seu produto para quem você conhece, alguém estabelecido no município ou na região, alguém que tem compromissos sociais, políticos e familiares, é uma coisa.

Entregar o fruto do seu trabalho para quem aparece na hora de colher e que não ajudou a plantar é outra coisa.

[...]

A [indústria de laticínios] é hoje a empresa rondonense que aparece em primeiro lugar em valor agregado.

[...]

O valor agregado declarado pela [indústria de laticínios] e todas as outras empresas representa retorno em impostos para o município.

Além de gerar empregos e conseqüentemente contribuir com a produção da riqueza global, quanto maior for o valor agregado declarado por uma empresa, maior será a fatia do município no bolo tributário que vem para os municípios. Isso significa muito para um município e seus habitantes, embora seja um benefício na maioria das vezes imperceptível.

[...]

O que precisamos é valorizar as empresas locais e regionais. Precisamos mostrar que elas geram mais benefícios sociais, mesmo que em algum momento paguem preços iguais ou até inferiores para o produtor.¹

¹ NINGUÉM vê. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 31 de maio de 2001, p. 2.

A “disputa pelo mercado de leite ‘in natura’”, tendo em vista as investidas de empresas fixadas em outras localidades, permitia a exposição das insatisfações de produtores leiteiros com as remunerações praticadas pela indústria de laticínios que atuava na cidade. Conduta que indicava a falta de compromisso dos produtores com a empresa mencionada, ou melhor, apontava para a contestação do modo como suas remunerações eram fixadas nas relações comerciais que mantinham com a indústria.

Essa postura, no entanto, não valorizava os supostos “benefícios sociais” propalados pela empresa e seus bajuladores, que, apesar de “significar muito para o município”, não tinha sua sugerida relevância notada por produtores e pelo “cidadão comum”. Pelo menos não a ponto de atenderem a integralidade de suas expectativas. Pois que, conforme advertiu a chamada do editorial, “ninguém [a] vê”.

Essa “falta de percepção” mobilizava o periódico a “mostrar” que a fábrica, por localizar-se próxima aos produtores e habitantes do município, “gera mais benefícios sociais, mesmo que em algum momento paguem preços iguais ou até inferiores para o produtor”. O editorial traz noções de “localidade” e “regionalidade” delimitadas nos interesses da indústria de laticínios, algo que expressa intenções de ampliar ou reduzir a escala conforme a conveniência em associar-se a uma dessas formulações.² Além disso, destaca a diversidade de atuação da empresa no mercado de alimentos, ressaltando sua produção de achocolatados, bebidas lácteas, creme de leite, doces de leite, iogurtes, leite condensado, leite em pó, leites longa vida, manteiga, nata, queijos e requeijões.

Toda essa variada produção deveria ser valorizada pela geração de empregos e impostos, haja vista a contribuição desses elementos com o que seria a “riqueza global”. Sem falar do inestimado sentimento de segurança, proveniente da condição de confiança e ser a “empresa da região”. Circunstância que deveria ser percebida como completamente diferente daquele cenário em que o produtor entregaria “o fruto do seu trabalho para quem aparece na hora de colher e que não ajudou a plantar”.

² No trabalho de Santos (2012), as intencionalidades e relações imbuidas no uso desses termos são destacadas, em particular, ao visualizar os limites e pressões vivenciados nas relações classistas em Marechal Cândido Rondon-PR, sendo articulados aos campos de forças sociais.

As imagens propostas na formulação jornalística sugerem uma visão bastante clara da distinção vislumbrada, apesar de não conseguirmos visualizar tamanho comprometimento da agroindústria com os seus fornecedores de matéria-prima. Afinal, a questão é que estes estariam insatisfeitos com a política de preços da indústria de alimentos, além de demonstrarem pouco apreço aos compromissos sociais despendidos pela empresa, rejeitada em suas relações comerciais.

Tudo isso era traduzido pelo editorial do jornal *O Presente* como “dificuldade para perceber seus benefícios indiretos” e falta de compreensão sobre “a grande vantagem” da manutenção dessa relação, “infinitamente” mais significativa “do que os eventuais centavos a mais” que os proprietários rurais receberiam por sua produção.

Mas, apesar deste posicionamento desconcertante, devemos evitar caricaturar as argumentações elaboradas pelo jornal em destaque, uma vez que seu apoio não é gratuito. Tratamos aqui de uma empresa com significado pelos agregados que vêm junto ao seu empreendimento principal. Portanto, naquele momento, apresentava a maior atividade industrial fixada na cidade, a qual, não por acaso, apontava para a dinâmica agroindustrial.

Mas, a despeito de toda essa pujança, o terreno onde caminha essa produção não está livre de percalços. Pelo contrário, as expectativas agroindustriais se fizeram e se mantêm em um campo social composto por ambiguidades. Elas se remetem a um universo de forças que tem no empreendimento da agência capitalista seu polo predominante, porém nem por isso onipotente.

Sobre o exercício de sua preponderância social, assim como a propósito dos limites de concretização de suas expectativas, notamos a própria ação do jornal *O Presente*; que, uma vez associado à propalação das pretensões agroindustriais, esbarrava na falta de aquiescência de um projeto que fosse aceito incondicionalmente. Rejeições que, em grande medida, justificavam a pertinência de sua atuação, destinada a tentar contornar as contestações dirigidas à agroindústria – no caso, materializadas na própria dificuldade em manter o estoque para sua produção enquanto adesão a seus projetos de produtividade e pauta de produtos.

A tarefa atribuída a essa imprensa não era algo que iniciara naquele momento. Esse mesmo periódico havia, cinco anos antes, fomentado suas primeiras inserções de apologia agroindustrial – período em que ainda buscava firmar-se nesse ramo de negócio. Uma recorrência que permite inferir sobre seu compromisso com esses industriais; mas que, ao mesmo tempo, também possibilita colocar em suspeita sua eficácia no que diz respeito à produção de um ambiente favorável às atividades que ajudava a divulgar de modo tão positivado.

Em meados da década de 1990, apresentava o presidente de uma cooperativa de produtores rurais envolto com a mesma pauta tratada nos primeiros anos do século XXI, isto é, a reclamação sobre a “falta de apoio às indústrias locais”. No caso, referia-se à já mencionada indústria de laticínios, erigida por uma central-cooperativa, da qual era uma das associadas.

O presidente da [Cooperativa] questiona, de forma veemente, a movimentação, encabeçada por alguns poucos produtores rurais, para que o leite produzido na microrregião de Marechal Rondon seja vendido para empresa de fora.

[O Presidente] cobra a participação de entidades de classe, lideranças e políticos em defesa dos interesses do município. “Quantas vezes fui chamado para participar de debates para encontrar alternativas econômicas para viabilizar a permanência do homem no campo e para a geração de emprego? Depois que as cooperativas instalaram a maior indústria de queijos do país em Marechal Rondon, não ouço ninguém se manifestando para que o leite produzido aqui seja industrializado aqui mesmo”.

[...]

O diretor-presidente da [Cooperativa] volta no tempo e lembra que foi através da [Cooperativa] e da [Central-Cooperativa] que foi implementada a produção leiteira na região, tornando-a uma atividade comercial. “A [Cooperativa] financiou a compra de novilhas importadas, possibilitando ao criador pagá-las com a entrega do leite dos próprios animais. Colocou e ainda coloca assistência técnica para o criador e, acima de tudo, sempre garantiu a compra de todo o leite produzido pelos seus associados”. Segundo frisa [o diretor-presidente], “as cooperativas adquiriram a pequena estrutura do leite e a ampliaram, introduziram tecnologia e realizaram um trabalho de fomento, implantando a segunda maior bacia leiteira do estado”.

[...]

Conforme [o diretor-presidente], tem produtor que deixou de entregar o leite à [cooperativa] e que está devendo para ela até mesmo as vacas. “Compraram as vacas através da [Cooperativa] e ainda não as pagaram e estão usando do extremo da liberdade para pegar a matéria prima (leite) e vender para outras indústrias [...] cabe a eles fazerem uma avaliação e pensar sobre

o quanto a [Cooperativa] fez por eles na questão da implantação do leite e para verificarem se, realmente, vale a pena fazer o que estão fazendo”.³

Cobrança cooperativista e apelo moral. As tentativas em sensibilizar os produtores rurais a favor dos interesses da indústria de laticínios não poupam argumentos. Nesse sentido, “voltar no tempo” e eleger o dirigismo capitalista como responsável pela implementação da produção leiteira no Oeste, não garante “que o leite produzido aqui seja industrializado aqui mesmo”.

Apontar para “a maior indústria de queijos do país” e “a segunda maior bacia leiteira do estado”, impetrando a si uma imagem de “criador” onisciente, espécie de protagonista onipotente – no qual a conjugação verbal aparece demasiadamente imperativa (“viabilizou”, “gerou”, “financiou”, “colocou e coloca”, “garantiu” e “introduziu”) –, não determina os aspectos que caracterizam a “criação”.

No terreno do imponderado, alicerçado no chão das relações sociais, o “criador” aparece questionando, “de forma veemente”, a “criatura”. Brada pela conformação de um enquadramento previamente delimitado, mas que teima em se esquivar da moldagem idealizada. Afinal, a “criatura” se dá o direito de insurgir contra o “criador”.

Com isso, não negamos a potência da atuação industrial na feitura de um novo modo de vida no campo, aqui indicado por um conjunto de transformações ocorridas na segunda metade do século XX. Segundo o qual, “adquiriram a pequena estrutura do leite e a ampliaram, introduziram tecnologia e realizaram um trabalho de fomento”. Por sinal, um conjunto de ações massivamente descrito e evidenciado na literatura que trata da “modernização rural” vivida pela sociedade brasileira.⁴

Em outros trabalhos, já nos ocupamos dos sentidos atribuídos a essas mudanças. Apesar de termos chamado a atenção para o fato de que uma visão predominan-

³ PRESIDENTE da Copagril reclama da falta de apoio às indústrias locais. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 03 de maio de 1996, p. 23.

⁴ As obras de Silva (1982) e Müller (1989) respaldaram debates e entendimentos acerca desse processo, remetendo-se à noção de “modernização”, com a qual apontam alterações no modo de produzir no campo, atribuindo centralidade à presença dos interesses empresariais nesse processo.

temente estruturalista desse processo acaba, muitas vezes, por negligenciar o modo como ele se constituiu historicamente.⁵

De nossa parte, atentamo-nos para a materialidade dessas transformações, evidenciando as presenças de trabalhadores rurais e senhores de terra na composição desse novo cenário. Desse modo, contradizendo imagens que insistem em inseri-los em uma paisagem previamente fixada, na qual apenas ilustram um determinado “contexto histórico” (GREGORY, 2002).

Nossa desconfiança quanto às análises que apresentam a falta de vivacidade desses sujeitos (indicada em uma suposta ausência de expressões e ações), diz respeito à omissão do que emerge como inesperado nesse processo. Falamos do nosso interesse pelo que (aos olhares do planejador) soa como absurdo, justamente por ser perturbador, mas que merecer nossa atenção.

[...] tem produtor que deixou de entregar o leite à [cooperativa] e que está devendo para ela até mesmo as vacas. “Compraram as vacas através da [Cooperativa] e ainda não as pagaram e estão usando do extremo da liberdade para pegar a matéria prima (leite) e vender para outras indústrias [...]”.⁶

Lamentos agroindustriais que não se limitam ao universo da produção leiteira. O que pode ser observado, também, nas constantes queixas de frigoríficos de suínos, quase sempre envoltos com dificuldades em alimentar suas esteiras de abate.

Há alguns anos atrás o município de Marechal Rondon ostentava o pomposo título de “capital da produção de suínos”, pois era proporcionalmente quem mais se dedicava à criação. Hoje esta atividade está sofrendo queda vertiginosa, chegando ao ponto de que as indústrias têm que apelar até para o mercado do Mato Grosso do Sul para conseguir animais para abate e posterior industrialização.⁷

⁵ Indicamos os artigos que produzimos para alicercarem as reflexões no projeto permanente de extensão “Em Evidências: produção e uso de fontes no ensino de História” – em sua edição de 2013/2014, intitulada, *Problematizando o Oeste: entre o projeto colonial e os empreendimentos agroindustriais* (FREITAS e SANTOS, 2014a); (FREITAS e SANTOS, 2014b).

⁶ PRESIDENTE da Copagril reclama da falta de apoio às indústrias locais. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 03 de maio de 1996, p. 23.

⁷ MARECHAL Rondon tem suinocultura em decadência. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 16 de março de 1988. Programa de Rádio.

Esses percalços, identificados e anunciados inclusive por emissoras de rádio, motivaram o fechamento da indústria frigorífica estabelecida em Marechal Cândido Rondon, a qual se instalou na cidade no final da década de 1960. Entretanto, após sucessivas falências – sofridas por quatro empresas diferentes –, sucumbiu pouco mais de duas décadas depois do “grito histórico do primeiro suíno abatido”, tudo isso contando com os registros radiofônicos.⁸

Uma imprensa que tenta nesse momento, pela escrita e radiodifusão, indicar certas alterações como práticas necessárias ao arrojamento vindouro ao Oeste do Paraná. Esses argumentos propunham adjetivar os proprietários com os costumes eleitos para demarcar o perfil almejado: colocando-o como parte de um povo aguerrido, com pré-disposição a enfrentamentos de novos tempos e correspondendo ao que se exige em momentos de mudanças. Nesse caso, as mudanças exigidas estavam atreladas às pressões do mercado agroindustrial.

Diante destas circunstâncias, julgamos desnecessário definir marcos temporais, os quais delineariam a derrocada dessa relação entre produção industrial e produção rural, ao menos no tocante à disponibilização de matérias-primas. Entendemos que, desde suas concepções, os mais diferentes empreendimentos agroindustriais sofreram com as incompatibilidades de interesses e ações entre industriais, proprietários rurais e trabalhadores rurais.

Longe do tom consensual proferido no clichê da “busca de alternativas econômicas para viabilizar a permanência do homem no campo”, o que emerge são fissuras pouco harmoniosas. Práticas eivadas de ambiguidades e contradições.

Quando, no limiar do século XXI, questionava-se sobre qual seria o futuro da agricultura familiar, o gerente de uma importante fecularia indicava a mandioca como alternativa de renda aos pequenos produtores. Uma preocupação nada gratuita, uma vez que “existe uma capacidade ociosa nas agroindústrias por causa da falta de matéria prima” (FUNDEMAC, 2000, p. 36).

⁸ FRIGORÍFICO em atividade. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 de junho de 1969. Programa de Rádio.

A mensagem no limiar do novo século aponta as dificuldades que acompanham essas indústrias desde suas inaugurações no Oeste do Paraná. Já na década de 1970 é possível perceber as ofertas agroindustriais dirigidas a possíveis produtores de mandioca, sendo propalados por anúncios de rádio, instigando o cultivo. Produtores que, apesar da sugestão de ganhos, indicavam a falta de interesse pela demandada exigida pela indústria:

Até hoje pela manhã a [Fecularia] já havia somado 200 contratos de agricultores que se comprometeram realizar o plantio de mandioca. Os 200 contratos assinados com a firma, estabelecida em Quatro Pontes, em vias de funcionamento, representam mais de 300 alqueires que já vêm sendo plantados. A meta, no entanto, segundo os diretores da Fecularia, é de 1.000 alqueires, que deveriam ser plantados para a sustentação do funcionamento da indústria.⁹

Conforme indica esta documentação, a oferta contava com uma adesão bem abaixo do esperado, atingindo menos de um terço do volume estabelecido para a “sustentação” da indústria. Pelo menos, segundo o “funcionamento” planejado. O que, menos de cinco anos depois, diante da expectativa de expansão de seus negócios, tinha nestas dificuldades um quadro ainda mais dramático, uma vez que a limitada oferta de matéria-prima aparecia como empecilho para sua ampliação, pois que, “A [Indústria] SERÁ A MAIOR FECULARIA DA AMÉRICA, MAS FALTARÁ MANDIOCA”.¹⁰

Desse modo, capacidade instalada de produção não é o mesmo que produção concretizada. Afinal, nem só de pretensão industrial se faz as relações agroindustriais. Os industriais precisaram (e continuam precisando) confrontar suas ambições com um universo social de produção mais amplo que seus próprios interesses.

Contudo, isso não lhes passou despercebido, socorrendo-se em seus parceiros habituais, conforme evidencia um anúncio de rádio que apontava, com entusiasmo, a seguinte associação de interesses:

⁹ FECULARIA já efetuou mais de “200” contratos. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 27 de julho de 1979. Programa de Rádio.

¹⁰ LORENZ será a maior fecularia da América, mas faltará mandioca. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 05 de janeiro de 1983. Programa de Rádio.

Devido a grande capacidade de beneficiamento das empresas que trabalham no ramo da mandioca, capacidade essa ociosa, as indústrias decidiram reunir-se com a participação também do executivo municipal, a fim de estudarem formas de aumentar a produção de mandioca no município de Marechal Cândido Rondon. Atualmente, em nosso município, são cultivados aproximadamente 2 mil hectares, com mandioca, gerando uma produção de 50 mil toneladas, sendo que a capacidade de beneficiamento das indústrias instaladas aqui é de 180 mil toneladas.

Para que este quadro seja alterado, resolveu-se criar uma Comissão de Incentivo à Produção de Mandioca, composta por diversos órgãos, como Acarpa, [cooperativa de produtores rurais], Prefeitura, Indústrias e outros, que através de uma grande campanha, tentará persuadir os agricultores a aumentarem a área de cultivo do produto.¹¹

A Comissão de Incentivo à Produção de Mandioca agrega órgãos que deveriam atuar sobre uma problemática claramente delimitada, ou seja, motivar essa produção; em virtude de uma situação também abertamente declarada, isto é, aumentar a produção de mandioca a ponto de suprir a demanda reprimida do referido potencial industrial. Logo, esse é o “quadro” em que deveria agir.

Mas, como apontamos anteriormente, no ano 2000 – aproximadamente 15 anos depois da criação da Comissão –, o “quadro” não estava de todo “alterado”. Justiça seja feita, não por omissão da Comissão, dado que, por meio de seus diversos integrantes, buscou, de muitas formas, alcançar a meta definida pelos industriais. Conforme permite observar o anúncio de uma de suas primeiras ações, firmada menos de uma semana após sua criação.

As secretarias municipais de Agricultura e da Indústria e Comércio programaram para hoje [...] discussão sobre o assunto do incremento do plantio de mandioca, programação incentivada pelas indústrias e pelas autoridades municipais.

Além das palestras referentes ao plantio de mandioca também serão apresentados filmes em vídeo cassete.

Após essa parte do encontro, também serão feitas demonstrações no campo com plantadeiras e colheitadeiras automáticas.

No final do encontro a Agroindustrial estará oferecendo uma chopada aos presentes.¹²

¹¹ CRIADA Comissão de Incentivo ao Plantio de Mandioca. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 20 de setembro de 1986. Programa de Rádio.

¹² CULTURA da mandioca provoca nova reunião para hoje. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 26 de setembro de 1986. Programa de Rádio.

A fórmula (recorrente) de atuação das instituições públicas na promoção dos interesses privados foi, sem dúvida, um artifício central na constituição dos negócios agroindustriais no Oeste do Paraná, o que, certamente, não chega a ser nenhuma revelação original, não apenas porque outros trabalhos (acadêmicos ou não) se empenharam em apresentar essa associação; mas porque os próprios promotores dessas associações se comprometeram em divulgá-las, sugerindo-as como fruto de preocupações com uma vida melhor para todos. Com se essa promoção fosse mais importante para o restante da população, do que para os que gestionam empreendimentos agroindustriais, indicando que essa atuação efetiva a criação de “alternativa de renda para o agricultor”, assim como “de geração de empregos e impostos para o município”.

Em Entre Rios do Oeste-PR, conforme anúncio jornalístico, também se ofereceu “incentivos para ampliar o plantio de mandioca”.

Considerando a importância do cultivo da mandioca [...] a administração municipal, com apoio da Associação Comercial e Industrial, da Emater/PR e da própria [Fecularia], está oferecendo incentivos aos agricultores para que estes plantem mais mandioca.

Reuniões foram realizadas nesta semana em várias comunidades interioranas, oportunidades em que foram detalhados os projetos de incentivo ao cultivo da mandioca [...].

Segundo esclareceu o vice-prefeito [...], responsável pelo Departamento de Agricultura, a prefeitura vai adquirir três máquinas para plantar mandioca, com as mesmas sendo repassadas pela administração para as associações de moradores.

“No projeto do calcário, a prefeitura irá subsidiar o transporte do produto e oferecer, aos agricultores, um distribuidor, com o objetivo do homem do campo recuperar o solo”, adiantou [o Vice-Prefeito].¹³

Os termos do estímulo são bastante condizentes com as preocupações apontadas pela Comissão de Incentivo ao Plantio de Mandioca. Haja vista que a “grande campanha”, “considerando a importância do cultivo” do produto, mobilizou um repertório diversificado de atos em favor de seu “projeto”. Tais como, “palestras referentes ao plantio de mandioca”; exibição de “filmes em vídeo cassete” – os quais “ilustrariam” os “manejos mais adequados” de plantação – e “chopadas”

¹³ ENTRE Rios oferece incentivos para ampliar plantio de mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 03 de junho de 1994, p. 11.

ofertadas aos agricultores que comparecessem às atividades promovidas pela Comissão. Sem falar dos subsídios na aplicação de calcário, destinados à recuperação do solo, e na introdução de tecnologias, como utilização de máquinas de plantio e colheita.

Tudo isso, amplamente divulgado em rádios e jornais. Uma divulgação, por sua vez, revestida de um sentido fortemente positivado. Algo que, como observamos com os produtores de leite, que se recusavam a entregar suas produções à indústria de laticínios de Marechal Cândido Rondon, não vinha surtindo o consenso esperado.

Observem que as imagens das frustrações agroindustriais emergem como se fossem do olhar da própria besta. Não por julgar suas pretensões fracassadas, pois parece orgulhosa com o que sugere como suas realizações, mas por avaliar que suas expectativas supunham um horizonte que lhe fosse ainda mais favorável. Isso porque, desconfiam que a altivez, que lhe é peculiar, deva contar com certa parcimônia, já que suas ambições não foram totalmente saciadas.

Uma ambiguidade que talvez seja mais bem compreendida quando identificamos quais os termos em que são estabelecidas as aproximações entre produtores rurais e os empreendimentos agroindustriais. Sobre esse aspecto, destacamos os argumentos recentes de um pequeno produtor que correspondeu aos apelos de uma grande fecularia, cultivando uma área de quatro alqueires de mandioca:

O agricultor não precisa tirar dinheiro do bolso para investir na roça, como acontece em outras culturas. Nosso único custo é o trabalho, e para isso nós temos a família. Isso também acontece em várias outras propriedades da região, onde é plantado mandioca. Boa parte das áreas destinadas a mandiocultura são pequenas. Se não contabilizarmos a mão de obra familiar, temos um lucro de 50% na produção.¹⁴

A narrativa atribuída a esse agricultor é apresentada em mais uma panfletagem pró-cultivo de mandioca. Dessas que estampam, logo no título, a mensagem proposta, expressa nos seguintes dizeres, “Agricultores se dizem satisfeitos com a

¹⁴ AGRICULTORES se dizem satisfeitos com a mandiocultura. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 31 de março de 2005, p. 11.

mandiocultura”. No entanto, sua elaboração nos parece bastante significativa, uma vez que a reportagem indica a que sujeitos, assim como em que condições, o fornecimento de matéria-prima a essa agroindústria passa a ser considerado.

Aqui, o pequeno produtor – o que encontra dificuldades em “tirar dinheiro do bolso para investir na roça” –, é o alvo principal dessa agroindústria. A qual supõe, de partida, que a mão de obra aplicada nessa produção será a familiar; nesse caso, devidamente desonerada das regulamentações concernentes aos direitos trabalhistas.

Em outra oportunidade, discutimos o quanto pode ser ilusória a imagem da mão de obra familiar como expressão direta da pequena propriedade, o que parece ser outra problemática, mas que, de fato, surge como face dessa mesma questão (FREITAS e SANTOS, 2014a), assim como a presença de trabalhadores “mandioqueiros” em cidades como Terra Roxa-PR apontam alguns indícios para a abertura desse debate sobre a presença de trabalhadores diaristas nesse universo de produção (COSTA, 2014).

Essa imagem familiar (em muitos casos) dificulta a percepção das relações de poder mantidas entre esses pequenos proprietários e os trabalhadores rurais por eles empregados, o que acaba desviando a atenção de algo que, por consequência, impacta os planos agroindustriais. Já que a efetiva presença dos trabalhadores rurais (sem terra) nesse universo de produção complica ainda mais a concretude das expectativas industriais.

Todavia, mesmo nas circunstâncias em que o pequeno produtor entra apenas com o pedaço de terra e o seu trabalho – este exclusivamente realizado pelo núcleo familiar –, é questionável o quão vantajosa seja essa associação com os empreendimentos agroindustriais. Com isso, não supomos apenas uma análise externa da dinâmica estrutural dessa relação, pois, não estamos apontando o dedo analítico a algo que julgamos ter descoberto por uma espécie de visão privilegiada.

Novamente, é a própria besta que apresenta, interpelada por proprietários rurais (e trabalhadores rurais), – por intermédio de seus órgãos de comunicação – os limites da “contabilidade” referente a essa relação:

Está crítica a situação dos produtores de mandioca da região [...] se somadas as despesas de plantio, limpeza, arranque e transporte, numa lavoura de dois anos o custo de produção chegará a R\$ 3 mil por alqueire. Uma lavoura normal de mandioca de dois anos rende em média 100 toneladas por alqueire, o que representa aproximadamente R\$ 4 mil. Ou seja, o produtor tem um lucro de apenas R\$ 1 mil por alqueire a cada dois anos.¹⁵

Essa “contabilidade” proporcionava um ganho mensal inferior a um salário mínimo, isso se fosse cultivada em uma área igual ou superior a quatro alqueires. Sem contar que a produtividade mencionada diz respeito aos padrões “normais” esperados pela indústria, o que implicava em um conjunto de medidas e cuidados diferentes daqueles exigidos a quem cultivava mandioca para incrementar refeições familiares e tratar os porcos.

Mas, apesar dos arautos agroindustriais sugerirem, em alguns momentos, um sentido “crítico” a esta “situação” – provavelmente devido às circunstâncias de sintonia dos sentimentos de insatisfação dos produtores –, o tom predominante foi, e continua sendo, o da naturalização desses ganhos. Apresentam, de forma recorrente, o apelo pela aceitação desses marcos de produção.

Uma lógica que passa pela promoção da noção de “diversificação” da produção rural, tal como se observa na simbiose entre os interesses de um grande industrial (ligado ao processamento de grãos e mandioca) e a posição do jornal *O Presente*. Este último, por sinal, prodigioso em fornecer evidências dessa natureza, não por acaso bastante exploradas neste trabalho:

O empresário [...] entrou no ramo de comércio de produtos derivados de mandioca. Ele é um dos que acredita na possibilidade de que a mandioca é uma das culturas mais seguras e rentáveis para os agricultores da nossa região.

O [empresário] é proprietário de duas fecularias, uma em Marechal Cândido Rondon e outra em Pato Bragado.

Há muito tempo no mercado de cereais e insumos agrícolas e, mais recentemente, também investindo no mercado de farinha de trigo do Moinho [...]. O [empresário] aposta em dois fatores importantes.

Primeiro, a pequena propriedade agrícola diversificada.

Para [o empresário], a pequena propriedade familiar quando atua com vários

¹⁵ ZIMMERMANN, Jadir. Mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 13 de junho de 2001, p. 05.

produtos, como suínos, frango, plantio de mandioca e produção de leite, aliada às lavouras tradicionais, consegue valorizar o trabalho da família.

Do contrário, quando apenas explora a lavoura plantando soja e milho, acaba não tendo rentabilidade suficiente sequer para manter uma família na propriedade e muito menos para oferecer meios de sobrevivência aos filhos e netos.

O segundo ponto que [o empresário] considera fundamental para o desenvolvimento da região é a agroindustrialização.

Por isso apostou na industrialização do trigo e agora aposta na industrialização da mandioca.¹⁶

A partir dessas referências, as ambições fixadas nesses negócios norteiam determinados projetos sociais, sugerindo que combatem por um horizonte em prospecção.¹⁷ Ao mesmo tempo, para além das pretensões, tropeçam nos percalços, ao lidar com a falta de adesão e, em muitos casos, com a explícita contestação de suas expectativas. Encontram proprietários rurais que, apesar de ansiosos em explorar essas atividades, deparam-se, por sua vez, com trabalhadores rurais (assalariados e/ou rendeiros) quase nunca afeitos às margens de ganhos a eles atribuídos – como sugere a intensa procura desses trabalhadores pela Justiça do Trabalho.¹⁸

Por tudo isso é que nos parece relevante destacar a agroindustrialização como um processo em “aposta”, tal como indicado pelo investimento industrial. Visto que “acreditar na possibilidade de que a mandioca é uma das culturas mais seguras e rentáveis para os agricultores da nossa região” (portanto, um negócio garantido) é algo que só pode ser aferido quando a lavoura for colhida; ou melhor, quando a colheita for processada nas indústrias de seus insistentes fomentadores.

Nesse sentido, emerge um modelo de exploração meticulosamente idealizado, o qual é definido a partir da “pequena propriedade agrícola diversificada”, caracterizada pelo “trabalho familiar”, a qual deveria mostrar-se agradecida pela possibi-

¹⁶ INCENTIVANDO a mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 07 de junho de 2002, p. 2.

¹⁷ Fontana (1998) destaca em sua obra a disputa por projetos de sociedade na dinâmica histórica e, ao mesmo tempo, chama a atenção para os sentidos de história produzidos nesse embate.

¹⁸ A pesquisa em acervos de autos processuais, disponíveis nos centros de documentação da UNIOESTE, aponta elementos que fortalecem essa indicação, apresentando enfrentamentos entre proprietários rurais e trabalhadores, envolvendo desacertos nas relações de trabalho, condição de moradia na propriedade etc. Sobre essa questão indicamos as discussões e pesquisas promovidas com esse acervo por Varussa (2009) e Freitas e Santos (2014b).

lidade de engordar suínos e aves, de cultivar mandioca e ordenhar vacas, se possível, mantendo essas atividades de modo simultâneo, aderindo a manejos determinados pelos compradores desses produtos e, portanto, respeitando as características e a demanda definida pela indústria.

As diretrizes dos interesses agroindustriais, no que diz respeito aos sentidos e dinâmicas de produção, são claramente formuladas! Com uma clareza que, quando não observada por produtores rurais – tendo em vista interesses divergentes –, gera a impaciência dos gestores do agronegócio, que insistem ao longo dessas décadas, na proposição de que essa seria a única alternativa viável, que seria o único caminho possível, tornando incompreensível a falta de parceria adequada. É com esse sentimento que a reportagem a seguir se colocou mais uma vez sobre essa questão:

Para o presidente do Sindicato Rural de Marechal Cândido Rondon [...] “o produtor tem que mudar o seu pensamento de querer ganhar bastante em uma só lavoura. Hoje, precisamos nos contentar quando ganhamos menos, mesmo que seja pouco”.

[...]

Para o líder sindical, o produtor, de maneira alguma, deve vender a propriedade para querer mudar-se para a cidade. “Ele precisa organizar sua atividade, calcular direito todos os custos e o ganho e daí sim, quando verifica que esta ou aquela atividade não dá sobra, precisa diversificar, mas, jamais deve vender e achar que na cidade vai ser mais fácil”.¹⁹

Esse “ensinamento” deixa transparecer um sentimento de insistência cansada, desses que se apresentam enfadados em sua própria repetição. Aponta para um “esclarecimento” que se propõe óbvio, mas que, em sua recorrência, sugere a “teimosia” dos interlocutores, que parecem recusar “mudar o seu pensamento”, negando o “contentamento” com ganhos menores.

Isso para não dizer da disposição de muitos produtores em abandonar suas pequenas propriedades, uma vez que deveriam corresponder às diversificadas demandas de matérias-primas solicitadas pela produção agroindustrial, sendo que, “de maneira alguma”, deveriam “vender a propriedade”. Uma interdição crucial, pois

¹⁹ PARA secretário, mão de obra está mais valorizada. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 18 de agosto de 1995, p. 19.

que a repreenda tem, em sua elaboração, a visão de um modo de produção que guarda seus próprios limites, levados ao esgarçamento pelos produtores rurais que passavam a tentar a vida na cidade.

Assim, “o líder sindical” sugeria a racionalização da produção rural nos moldes da exploração agroindustrial. Ou melhor, clamava pela “organização das atividades de produção demandadas”, indicando a acomodação das expectativas agroindustriais. Acontece que proprietários e trabalhadores rurais possuem seus próprios interesses ao avaliarem a pertinência dessa relação. Uma relação perversamente desigual, mas marcada pela presença interpelativa desses sujeitos.

Marcas que, mesmo quando sugeridas como marginais, não deixam de indicar o impacto do que parece ausente, principalmente quando o ausente faz emergir suas próprias ambições e valores, deixando o cenário, idealizado pelos gestores dos negócios capitalistas, torneados por suas movimentações.

Mas, apesar de todo esse caminho relacionalmente tortuoso, a voz agroindustrial insiste em narrar seu sucesso, delineando-o na velha genealogia teleológica, sem as modulações necessárias das pressões exercidas nas relações classistas que fazem parte dessa dinâmica sugerida como tranquila. Essa prática insiste na apresentação do existente como realização do inevitável, como se o explorador fosse desejo do explorado!

Poucos percebem, mas a indústria rondonense já vem seguindo uma vocação. Já empregamos mais de 50% da mão de obra industrial nas indústrias de alimentação. Isso significa que estamos seguindo uma trajetória normal, voltada à transformação da matéria prima produzida aqui mesmo.

É a mandioca, trigo, carnes, leite e outros produtos que estão sendo preparados para o consumidor final e, com isso, agregando valores e gerando mão de obra e impostos.

Esse é o verdadeiro sentido da industrialização: agregar valores.

[...]

No momento que se agrega valores, não se agrega somente preço ao produto vendido, mas divide-se o resultado para muita gente.

Por isso é tão importante um município ter sua economia baseada num processo de industrialização.²⁰

²⁰ SEGUINDO a vocação. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 20 de abril de 2002, p. 2.

Desse modo, a história de tensão e conflitos dá lugar à cadência do que seria “uma trajetória normal”, regida pela dinâmica da “vocação” – “Seguindo” por essa espécie de aptidão agroindustrial, com a qual, declara-se a “importância” do dominante. Mesmo que sua suposta importância seja afirmada em meio a contrav rsias.

Certamente, não esperamos que o opressor se revelasse como tal, nem cobramos algo assim. Mas tomar a imagem que propõe a si como a própria trama da história, confundindo pretensões com realiza es, parece pouco perspicaz. Como sugerimos, no decorrer deste trabalho, nem mesmo a besta se apresenta desse modo. Afinal, sua presun o não   maior que sua ambi o.

Esta reflexão aponta para determinados cuidados   crítica das rela es empreendidas pelos negócios agroindustriais. Cuidados no que diz respeito   pintura que se atribui ao monstro. Afinal, os trabalhos acadêmicos não são, costumeiramente, suas maiores preocupa es – mesmo que isso decepcione certos setores universitários.

Determinadas a es acad micas parecem atribuir aos empreendimentos agroindustriais a imagem da onipotência, tomando, muitas vezes esse ponto como algo consolidado, pendulando apenas o antes e depois, os entraves e os contratempos até a afirma o dessa iniciativa empresarial de desenvolvimento regional (MARSCHALL, 2005). Por decorrência, não identificam nada que lhes apresentem percalços claro, descontado os próprios trabalhos acadêmicos! Que em matéria de altivez, perdem pouco para os industriais, com os quais ainda apresentam mais uma identifica o: também aguardam que os trabalhadores (pequenos proprietários e/ou sem terra) encenem os scripts por eles idealizados.

Fontes

AGRICULTORES se dizem satisfeitos com a mandiocultura. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 31 de março de 2005, p. 11.

CRIADA Comissão de Incentivo ao Plantio de Mandioca. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 20 de setembro de 1986. Programa de Rádio.

CULTURA da mandioca provoca nova reunião para hoje. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 26 de setembro de 1986. Programa de Rádio.

ENTRE Rios oferece incentivos para ampliar plantio de mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 03 de junho de 1994, p. 11.

FECULARIA já efetuou mais de “200” contratos. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 27 de julho de 1979. Programa de Rádio.

FRIGORÍFICO em atividade. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 21 de junho de 1969. Programa de Rádio.

INCENTIVANDO a mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 07 de junho de 2002, p. 2.

LORENZ será a maior fecularia da América, mas faltará mandioca. *Frente Ampla de Notícias*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 05 de janeiro de 1983. Programa de Rádio.

MARECHAL Rondon tem suinocultura em decadência. *Panorama*. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 16 de março de 1988. Programa de Rádio.

NINGUÉM vê. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 31 de maio de 2001, p. 2.

PARA secretário, mão de obra está mais valorizada. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 18 de agosto de 1995, p. 19.

PRESIDENTE da Copagril reclama da falta de apoio às indústrias locais. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 03 de maio de 1996, p. 23.

SEGUINDO a vocação. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 20 de abril de 2002, p. 2.

ZIMMERMANN, Jadir. Mandioca. *O Presente*. Marechal Cândido Rondon, 13 de junho de 2001, p. 05.

Referências

COSTA, Magda R. M. Trabalhadores em Santa Rita d'Oeste: problematizando modos de viver e trabalhar no campo e na cidade. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2012*. Curitiba: SEED-PR, 2014. 18p.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: Edusc, 1998.

FREITAS, Sheille S. de; SANTOS, Carlos M. de S. Entre colonos e trabalhadores rurais: produção rendeira e assalariamento no Oeste do Paraná – Segunda metade do século XX e início do século XXI. 2014 a. “Em publicação”.

_____. Trabalhadores rurais e senhores de terra: nos campos da agroindustrialização no Oeste do Paraná na segunda metade do século XX e início do século XXI. *Antíteses*, Londrina, 2014b. “Em publicação”.

FUNDEMAC et al. Carta aberta da agricultura familiar. In: ROESLER, Douglas A. (Org.). *Agricultura familiar: Qual o futuro?* Marechal Cândido Rondon: Gráfica Líder/FUNDEMAC, 2000.

GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

MARSCHALL, Clélio R. *Pequena propriedade e cooperativismo no Oeste do Paraná: um estudo a partir da Cooperativa Agroindustrial LAR*. 199f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Toledo. 2005.

MÜLLER, Geraldo. *Complexo agroindustrial e modernização agrária*. São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1989.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. Horizontes abertos em caminhos de trabalhadores. Sobre localidade, regionalidade e globalização. In: VII Simpósio Nacional Estado e Poder - Sociedade Civil. *Anais...* Uberlândia: UFU, 20 a 22 de agosto 2012.

SILVA, José G. *A modernização dolorosa – estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VARUSSA, Rinaldo José. Disputas na Justiça do Trabalho: memórias e histórias a partir do Oeste do Paraná (Década de 1980 a 2000). *Diálogos*, Maringá, v.13, n.2, 2009, p.441-460.